

Todas estas casas estavam encerradas por um muro quadrado de 30 a 40 metros, tendo mais, ou pouco mais de um metro de largura, e de pouca altura.

Do lado do rio vê-se uma calçada, assemelhando-se a um caes, que dá acesso para o Tamega, que corre engasgado entre rochas de um e de outro lado.

Pela sua situação a um nível muito baixo em relação aos terrenos adjacentes não parece *um castro* ou ponto fortificado, mas simplesmente uma povoação defendida das feras pelo muro, que nesta região deviam ser muitas e variadas.

Ainda actualmente, lobos e javardos fazem das suas proezas todos os annos.

É difficil o acesso a esta povoação, por estar situada na margem esquerda do Tamega, entre matas tão espessas que, para a elaboração do traçado, tinham de ir homens adiante dos engenheiros a cortar as arvores e arbustos, porque de outro modo não se podia romper.

Villa Real de Trás-os-Montes, 18 de março de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

Nova lapide funeraria dos suburbios de Olisipo

Alguns trabalhadores da Camara Municipal de Lisboa, que procediam ao córte do talude da Avenida de Ressano Garcia, no local fronteiro ao edificio do Mercado Geral de Gados, encontraram num dos ultimos dias de Agosto de 1903 a lapide funeraria romana que se mostra na fig. seguinte:



e em que se lê: D(iis) M(anibus) — LICINA — HELENE — ANN(orum)
XL — H(ic) S(ita) E(st).

A lapide estava collocada horizontalmente, na profundidade de 1^m,5, com a inscrição voltada para baixo. Os instrumentos do trabalho não causaram estragos na legenda por esta circumstancia feliz, e ainda porque, suppondo que existia um thesouro ahi occulto desde tempos immemoriaes, os trabalhadores ergueram a lapide cuidadosamente. No leito nada havia, alem de terra, granulosa pela acção das aguas pluviaes.

O Sr. Augusto de Castro por acaso assistiu ao achado, quando por ali transitava para o centro da cidade, e, conhecendo quanto elle era importante archeologicamente, recommendou que o arrecadassem em lugar reservado, e pessoalmente deu noticia do facto ao Director do Museu Ethnologicó Português, que logo tomou as providencias precisas para a acquisição da lapide.

Na mesma profundidade em que a lapide existia appareceu um cranio, á distancia aproximada de dois metros; mas desfez-se ao contacto das mãos dos trabalhadores. É provavel que elle tivesse estado na sepultura a cuja tampa a inscrição pertencia.

Naquella área parece que houve um cemiterio romano, que se prolongaria até a entrada do *Campo Grande*, pois ahi mesmo, dias depois, foi encontrada outra lapide com inscrição, a qual opportunamente motivará uma noticia, que será tambem publicada nesta revista.

A lapide aqui figurada mede 0^m,55 × 0^m,45. Apesar de ter a diminuta espessura de 0^m,03, seria talhada com a grandeza necessaria para resguardar inteiramente o despojo mortal, faltando agora o resto.

Na parte superior tem o córte em linha recta, intacto, emquanto nas faces restantes mostra os estragos feitos pelo camartello quando o sepulcro foi a primeira vez violado. Felizmente na fracção que resta existe a legenda completa.

Ambas as lapides deram entrada no Museu Ethnologicó, por concessão do Sr. Conde d'Avila, que então presidia á vereação do municipio lisbonense. Folgamos de registrar aqui o nome d'este illustrado fidalgo, que dotou um estabelecimento do Estado com dois monumentos archeologicos de valia, ao mesmo tempo que salientamos o procedimento do Sr. Augusto de Castro, que tão intelligentemente obstou á destruição a que os mesmos estavam de certo condemnados.

Lisboa, Fevereiro de 1904.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

«Os monumentos archeologicos são quasi sempre o pergaminho nobilitario de uma villa, cidade, provincia e mesmo de um reino».

TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Moedas de Portugal*, I, 11.